

Uma memória, uma história e um afeto: algumas considerações sobre o pensamento de Gilberto Freyre

Naiara Alves da Silva

Naiara Alves da Silva

é doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: naiara.alves@ymail.com

Resumo

O artigo a seguir desenvolve uma análise dos principais aspectos do pensamento de Gilberto Freyre a partir da reflexão em torno de três eixos: memória, história e afeto. As duas experiências sensoriais – memória e afeto – não podem ser dissociadas do exercício historiográfico presente nos ensaios do autor. Outro interesse desse artigo é elaborar uma análise que não entenda a obra tardia de Freyre como universo completamente distante do pensamento de juventude. A dimensão do afeto torna-se crucial para entender a passagem de um posicionamento no decorrer da vida intelectual de Gilberto.

Palavras-chave

memória, história, afeto, miscigenação cultural e étnica, lusotropicalismo.

Abstract

This article intends to develop an analysis of the main aspects of thinking of Gilberto Freyre from the reflection around three themes: memory, history and affection. The two sensory experiences – memory and affection – can not be separated from the historiographical present in the author's essays. Another concern of this article is to develop a reflection that does not understand the later work of Freyre as completely away from the youth thought universe. The scope of the affection becomes crucial to understand the passing of a position in the course of the intellectual life of Gilberto Freyre

Keywords

history, memory, feeling, lusotropicalism, Gilberto Freyre's thought.

O resultado de tudo isso é que nós não podemos chegar a alguma coisa sobre o modo como o mundo é perguntando sobre o melhor ou mais fiel, ou mais realístico modo de vê-lo ou representá-lo. Pois os modos de ver e figurar são muitos e variados; alguns são fortes, efetivos, úteis, intrigantes ou sensíveis; outros são fracos, cômicos, desanimados, banais ou confusos. Porém, mesmo se todos os últimos fossem excluídos, ainda assim nenhum dos outros pode fazer uma boa defesa de ser o modo de ver ou pintar o mundo do modo como o mundo é (GOODMAN, 1972, p. 04).

Gilberto Freyre é um dos grandes escritores do mundo lusófono. Sua escrita e produção quase compulsiva levaram o pernambucano a ser lido por grande parte do mundo que fala a língua portuguesa.¹ Muito se escreveu, e ainda se escreve, sobre o polêmico senhor de Apipucos. O frescor da obra freyriana, com o destaque inegável de *Casa Grande & Senzala* (1933), deve-se, sobretudo, a certo fenômeno intelectual decorrente de seu pensamento. O autor cria um país a partir de sua trilogia de *Introdução à Sociedade Patriarcal*: através das obras *Casa Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959), Freyre elabora uma memória, um afeto e uma história para a nação brasileira. Esse tom grandiloquente faz jus ao pensamento do autor: esta é tarefa do ensaio que se inicia. Pretendo apresentar cada uma dessas criações com base em minha análise sobre argumentos expostos nos três livros supracitados.

A opção pela perspectiva da experiência sensorial se deve à atualidade de uma obra que, por ser ambígua em diversos aspectos, é constantemente visitada. Os argumentos lançados por Freyre sobre a formação histórica da sociedade brasileira são alvos de concordância ou duras críticas. A passagem do crítico literário Antonio Candido, autor da mesma geração de Gilberto Freyre, elucida a assertiva:

O jovem leitor de hoje não poderá talvez compreender, sobretudo em face dos rumos tomados posteriormente pelo seu autor, a força revolucionária, o impacto libertador que teve este grande livro. Inclusive pelo volume de informação, resultante da técnica expositiva, a cujo bombardeio as noções iam brotando como numa improvisação de talento, que coordenava os dados conforme pontos de vista totalmente novos no Brasil de então (CANDIDO apud HOLANDA, 1967, p. 9-10).

A passagem de Candido aponta para o ineditismo de *Casa Grande & Senzala* (1933), primeiro livro da trilogia de Gilberto, na qual a perspectiva do otimismo para produzir um ensaio histórico sobre a nação brasileira parece tomar fôlego significativo, pela primeira vez. A força revolucionária aludida por Candido, decorre do prisma positivo no qual é circunscrito o passado colonial brasileiro, na interpretação do sociólogo pernambucano. O legado da cultura negra não só é reconhecido, mas identificado como componente sociológico crucial para a identidade cultural brasileira, sintetizada na imagem do mulato. O segundo ponto destacado pelo crítico literário no famoso prefácio a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936), consiste no destaque ao caráter improvisado

no *bombardeio* no qual *brotavam* as noções essenciais ao argumento de Freyre. Há uma inexperiência, típica dos autores que produzem trabalhos em momentos de mudanças de paradigmas, que leva seus respectivos textos a serem situados num espaço ambíguo.

221

Em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Thomas Kuhn (2003) esclarece que uma revolução científica é, antes de tudo, um conjunto de mudanças de caráter paradigmático, qual seja, no modo de compreender o exercício científico, no modo de produzi-lo, no regramento ao qual o investigador estará associado. O improviso detectado por Candido, certamente, diz respeito à forma pouco ortodoxa do ensaio em sua escrita, composta por prosa pouco formal, pelas repetições e pela ausência de conceituação rigorosa. Peter Burke (1997) chama atenção para o papel de vanguarda desenvolvido por Freyre num momento próximo, porém anterior, ao da Nova História. O autor brasileiro já desenvolve preocupação com fontes históricas, até então praticamente ignoradas, como uso de diários pessoais, imagens, receitas e outros vestígios culturais sem o caráter oficial de documentos, propriamente dito. O método freyriano, rico nas metáforas e passagens descritivas, a partir de suas fontes, consiste num dos principais fatores para a escolha de três experiências sensoriais como ponto de partida para a reflexão que ora se desenvolve. A passagem do livro *Sobrados e Mucambos* (1936) ilustra bem o estilo de escrita da análise freyriana:

E o padre Lopes Gama indignava-se de só enxergar em torno de si gamenhos com jaquetinhas pelas 'virilhas', 'barbas e bigodes de mouro', 'meias alcatifadas', bachareletes que já não tomavam a benção aos velhos porque 'tal usança cheira a tempos gothicos (sic) e degrada o nobre orgulho de hum jovem quando basta hum simples cotejo de cabeça assim por modo de lagartixa'; elegantes que durante a missa davam as costas ao altar para se entreterem com o 'madamismo'. Contra eles, o padre conservou-se intransigente nos seus gostos e estilos de vida: os do seu tempo de menino, criado pela avó. O século XVIII ainda ruralmente patriarcal em seus aspectos mais característicos. Época de gente boa, de respeito dos filhos aos pais, de homens direitos e fortes que chegavam a 'grandes idades', de donas de casa diligentes, de doces gostosos e lombos de vitela que vinham à mesa rechinando na frigideira – só os dias da finada sua avó. O século XVIII. O Brasil sem carros de cavalo correndo pelas ruas sem mecânicos ingleses manejando máquinas misteriosas, sem modistas francesas, sem doutores formados na França e na Alemanha, sem óperas italianas contadas nos teatros, sem os moços tomando os lugares dos velhos (FREYRE, 2006, p.127).

Além do impacto de empatia e verossimilhança que esta estrutura do texto pode gerar no leitor, outros fatores possuem grande importância para se definir a viabilidade da experiência sensorial produzida pela obra de Gilberto Freyre. O alcance dos trabalhos do autor, diante da intelectualidade contemporânea a si e, inclusive, de intelectuais mais jovens, é de suma importância para se compreender o alcance da tomada de posições diante do pensamento de Gilberto Freyre. Não à toa, parte significativa da inteligência brasileira produziu, textualmente, suas impressões sobre, pelo menos, o primeiro ensaio de Freyre. Antonio Candido, Darcy Ribeiro, os poetas João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade são alguns dos inúmeros exemplos que poderiam ser citados.²

Para as gerações de trinta, quarenta e cinquenta, sobretudo para as duas últimas, depois da forte crítica que Gilberto Freyre recebera por dois motivos distintos, tratava-se de reconhecer alguma legitimidade ou de desqualificar a produção do autor enquanto ciência – sociológica e histórica. Da perspectiva do elogio, vale citar o artigo de Helga Gahyva (2010), intitulado *Tempos da Casa Grande: a Recepção da Obra de Gilberto Freyre nos Anos Trinta*, no qual a autora analisa os artigos de autores que receberam positivamente o grande ensaio de 1933. Por ocasião do cinquentenário da obra, Helga Gahyva destaca a

publicação do livro denominado *Casa Grande e Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944* (FONSECA apud GAHYVA, 2010, p. 05), no qual quarenta e quatro artigos apresentam uma crítica positiva ao trabalho de Gilberto Freyre. Dentre os aspectos que dão contraste significativo entre o trabalho de Gilberto Freyre e os ensaios sociológicos e históricos produzidos até então, merecem destaque:

222

O reconhecimento de que o esforço intelectual de Freyre engendrava uma inédita possibilidade de posituação da identidade nacional foi prontamente reconhecido por boa parte de seus primeiros leitores. Ao valorizar a miscigenação, ele não apenas apontava para a contribuição singular das populações negras à formação social no país; também os colonizadores portugueses viam-se reabilitados em face daqueles que associavam nosso “atraso” à ausência dos valores protestantes que teriam conduzido os primeiros colonos em Nova Inglaterra e/ou das características psico-físicas que tornariam os povos pretensamente arianos mais bem equipados para a ocupação do território americano (GAHYVA, 2010, p. 06).

As duas ofensivas ao pensamento de Freyre se devem, sobretudo, a dois pontos de sua produção: por um lado, o autor foi acusado pela militância negra dos anos cinquenta como idealizador da condição da escravidão brasileira pelo suposto legado da democracia racial, que teria existido desde a colonização no Brasil. Por outro, a sociologia uspiana, especialmente na figura de Florestan Fernandes, alegava que o autor possuía paradigma científico suficiente – nos termos de Kuhn (2003), acima referidos –, ou seja, o ensaio freyriano seria literário, em vez de histórico-social.³ Aliada à atualização constante do debate em torno das ideias sobre o Brasil, desenvolvidas por Gilberto Freyre, no meio intelectual, a revolução provocada por *Casa Grande & Senzala*, à qual Candido faz referência, deve-se ao abandono da abordagem da realidade social brasileira, baseada no ponto de vista da ausência, tendo como referenciais as experiências da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Tal é o modelo seguido em boa parte da obra de Oliveira Viana, tais como *Populações Meridionais do Brasil* (1920), *Instituições Políticas Brasileiras* (1949) e *Problemas de Política Objetiva* (1930). Outro autor que adota a perspectiva da ausência é o modernista Paulo Prado em *Retrato do Brasil* (1928).

A produção ensaística de Gilberto Freyre ganha reconhecimento a partir dos anos trinta, com a publicação de *Casa Grande & Senzala*. A calorosa e polêmica recepção do livro rendeu-lhe reconhecimento diante dos grandes intelectuais da época. Pallares-Burke analisa, por meio dos diálogos epistolares do jovem sociólogo pernambucano com o renomado diplomata Oliveira Lima, a ambição intelectual de Freyre em produzir uma grandiosa obra sobre o Brasil (PALLARES-BURKE, 2005). Essa escrita ilustra as preocupações de Freyre em elaborar uma interpretação de fôlego sobre o país.

Em termos de filosofia política, a criação freyriana, senão inaugura, ao menos assegura a vigência de certa atitude intelectual ao interpretar o Brasil. De modo genérico, é possível dizer que o ensaísmo brasileiro, preocupado em traçar uma reflexão sobre o passado nacional e, diante das possibilidades de modernização para o futuro, tendeu, inicialmente, a uma vertente pessimista. Alguns autores, os já mencionados Oliveira Viana e Paulo Prado e, também, outros como, Sílvio Romero e Alberto Torres, identificavam a história colonial brasileira a partir da chave da singularidade, para legitimar o ponto de vista da inadequação. A conclusão de Paulo Prado de que o brasileiro seria um tipo triste é elucidativa do pessimismo que quero destacar. Nos demais autores, a tristeza não aparece como condição primordial do brasileiro, mas há a ideia de que, no Brasil, as instituições

são artificiais porque o país não lhes seria adequado. Contrariamente, Freyre parte da perspectiva da singularidade da nação, porém para alcançar conclusão distinta: a singularidade brasileira consiste, para ele, na riqueza da diversificada cultura brasileira. A um só tempo, Gilberto Freyre redime a colonização portuguesa, sempre diminuída frente ao processo colonizador inglês, admite e valoriza o legado da cultura e da etnia africanas na formação social do país e apresenta, em tons otimistas, a nação.

Alguns elementos dessa visão são bem conhecidos, dentre eles o otimismo quanto à nação. No decorrer da exposição sobre as duas sensações produzidas pela obra de Freyre – memória e sentimento –, pretende-se olhar atentamente para as dimensões do otimismo do autor diante das possibilidades do futuro do país. O cenário intelectual no qual se desenvolve seu pensamento era muito diferente da cena intelectual atual, fragmentada por uma infinidade de especializações. Essa fragmentação do saber ocasionou uma dispersão de leitores, pois o público especializado tende a ler sobre a sua área temática; no momento de criação e divulgação do trabalho freyriano, principalmente em suas obras da juventude, a divisão das ciências sociais ainda não era tão rigidamente demarcada como hoje. Portanto, seus ensaios puderam adquirir um alcance de público, inclusive intelectual, muito maior.⁴ Essa recepção permitiu uma difusão e, posteriormente, uma adesão a partes do argumento de Freyre sobre o Brasil.

Esse quadro consistiu no fator central para que o pensamento freyriano fosse capaz de produzir crenças sobre o Brasil. Ora, crenças não compõem argumentação, tampouco erigem teses. O dicionário *Aurélio* informa-nos de que crença é “fé religiosa, confiança, opinião”.⁵ Um dos verbetes do *Michaelis* é ainda mais elucidativo: “crença significa a opinião que se adota com fé e convicção”.⁶ No interior da interpretação do país elaborada por Gilberto Freyre, alguns de seus componentes argumentativos difundiram-se no horizonte da intelectualidade brasileira das gerações seguintes.⁷ O fato é que, como adversário ou aliado, em se tratando dos temas de modernidade e das relações raciais, é muito difícil seguir impassível aos dizeres de Freyre.

Concluo esse breve preâmbulo debruçando-me na epígrafe que inicia este ensaio. Essa provocação do filósofo Nelson Goodman (1972) está no curto, porém intrigante, ensaio intitulado *O modo como o mundo é*. Nele, o autor defende que nenhuma descrição sobre o mundo pode, substancialmente, afirmar-se como a melhor forma de vê-lo. Em outras palavras, nenhuma forma de descrição da realidade pode, *a priori*, colocar-se como mais verídica ou mais eficaz na descrição do mundo. Nas palavras do próprio autor:

O modo como vemos melhor o mundo, o acesso figurativo mais próximo ao modo como o mundo é, é modo como a câmera o vê. Esta versão do problema é simples, direta, e aceita geralmente. Mas, em filosofia, como em qualquer outro lugar, toda linha prateada envolve uma grande nuvem negra – e esta visão descrita tem tudo a seu favor, exceto que ela é, eu penso, inteiramente errada [...]

Se tomo uma fotografia de um homem com seus pés na minha direção, os pés poderão parecer tão grandes como seu torso. Este é o modo como normalmente ou apropriadamente vejo o homem? Se é, porque então chamamos tal foto de distorcida? Senão, então não posso mais alegar tomar a visão fotográfica do mundo como meu padrão de fidelidade. O fato é que esta fotografia ‘distorcida’ chama nossa atenção para algo sobre ver que tínhamos ignorado. Exatamente na medida em que ela difere de uma representação ‘realística’ ordinária, ela revela novos fatos e possibilidades na experiência visual (GOODMAN, 1972, p. 03).

O modo como o Brasil é visto por Gilberto Freyre, assim como as imagens distorcidas, é acusado de ser mergulhado no equívoco. O ensaísta ampliou e deformou uma série de eventos sociológicos, a partir de seu olhar. Esse modo de ver é acusado de uma série de preconceitos: uns verdadeiramente justificados, outros decorrentes de leituras secundárias de trabalhos do autor. No entanto, como Goodman (1972) nos expôs, são justamente as imagens tidas por distorcidas, que revelam novos fatos e possibilidades inovadoras na experiência visual e, sem medo de esgarçar o argumento, é possível dizer, mais amplamente, que elas abrem novas possibilidades para a experiência sensorial. Uma vez mantido o acordo de Goodman (1972) de que os distintos modos de ver o mundo são filosoficamente equivalentes, o objetivo é apresentar as três experiências sensoriais desenvolvidas por Freyre, buscando apontar para a difusão de algumas delas como crenças. No entanto, não se trata de afirmá-las como verdadeiras, tampouco de produzir, neste ensaio, uma apologia às motivações e às argumentações de Gilberto Freyre. Trata-se, apenas, de apontar caminhos para melhor compreendê-las, e mesmo refutá-las, em suas fraquezas.

224

Uma memória

Os ensaios de Freyre, *Casa Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959), não possuem, apenas, um exercício historiográfico sobre a sociedade colonial; eles constituem, também, um movimento de *recordação* de seu passado. O autor nunca escondeu o traço proustiano, o que lhe rendeu severas críticas por parte dos intelectuais das ciências sociais, que se institucionalizavam a partir dos anos 50. No entanto, o que torna nossa tarefa mais difícil, consiste na tentativa de defesa mútua de que o tom confessional e a escrita sociológica coexistem, sendo impossível separar os dois elementos, tal como numa mistura homogênea. O traço confessional e proustiano de Freyre, destacado por Da Matta na Introdução ao livro *Sobrados e Mucambos* (edição de 2003), não possui alcance proporcional entre o estatuto concedido pelo sociólogo pernambucano em entrevistas, e o modo como ele se estrutura nas obras aqui analisadas. É inegável a estilística freyriana, marcada por linguagem informal, a presença de gírias e de repetições: transgressões da língua culta, típicas de uma conversa; no entanto, estas marcas apontam mais para um estilo prosador, do que para uma obra de introspecção propriamente dita.

A miscelânea sensorial é muito forte no ensaio de Freyre, sendo elemento crucial para a narrativa histórica: fala-se dos sabores, dos odores, das condições de higiene, da natureza e do clima agrestes. Esses recursos narrativos ratificam o tom proustiano assumido por Gilberto, mas, de modo algum, sugere tom confessional. Isto é, não é identificável um conflito entre o que seria uma narrativa de micro-história – da trajetória individual de Freyre, em Pernambuco –, e uma narrativa que se pretende de alcance nacional. Essa suposta dissonância, observada de modo apressado, serviu para uma condenação do trabalho de Freyre à categoria de obra literária, como se lá não houvesse um esforço intelectual razoavelmente doutrinado e condicionado a normas de uma disciplina. Na obra do intelectual é possível identificar a utilização de fontes diversas, bem como o esforço de construir uma narrativa sobre a cultura que pudesse apresentar vestígios do cotidiano do tempo passado, ou seja, da cultura em seu estado mais elementar. Diferentemente do paradigma historiográfico atento aos grandes eventos, a narrativa de Freyre buscava entender o dia a dia da sociedade escravocrata brasileira e os legados culturais e étnicos que esta teria nos deixado. Ainda que tenha faltado manuseio adequado a algumas fontes

históricas o ensaio de Peter Burke (1997), denominado *Gilberto Freyre e a Nova História*, oferece ilustração do quadro no qual se pode inserir Freyre, quanto a este aspecto. O trabalho de Freyre foi realizado em consonância com os primeiros estudos sobre Mentalidades, História Cultural e Social.

225

Feita essa primeira observação metodológica, resta apresentar, brevemente, a síntese da história da nação, segundo Gilberto Freyre. Outro ponto importante: se o conteúdo dos ensaios *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936) é, legitimamente, um olhar sociológico e histórico, a forma como este conteúdo nos é apresentada produz a sensação de se adentrar na memória do interlocutor-narrador. Os recursos estilísticos descritos acima remetem a uma prosa ou conversa, uma conversa sobre a gênese da nação. Sobre o risco do estilo freyriano pôr em xeque seus argumentos, é importante retomar a conclusão de Ricardo Benzaquen (1994, p. 189), em *Guerra e Paz*:

Nesses termos, não acredito que seja descabido sugerir que a forma de Gilberto argumentar, “usando a mesma língua que todos falam” e identificando-se tão fortemente com seus antepassados, acabe por produzir a sensação de que os objetos que estuda permanecem vivos e influentes através do seu relato, quer dizer, vivos porque influentes na confecção do seu texto. CGS, então, deixa de ser apenas um livro para transformar-se em uma espécie de casa-grande em miniatura, em uma voz longínqua mas genuína, legítima e metonímica representante daquela experiência que ele próprio analisava, enquanto o nosso autor se converte, até certo ponto, em personagem de si mesmo, como se escrevesse não só um ensaio histórico-sociológico mas também as suas mais íntimas memórias.

Como afirma a passagem de Benzaquen (1994), o estilo da escrita de Freyre produz um efeito desconfortável sobre seu ensaio, da perspectiva de uma Sociologia positiva e científica: a antirretórica de Freyre e o fato de seu trabalho, sociológico e histórico, ter sido escrito na língua que *todos falam*, causou certo mal-estar nos segmentos mais assumidamente científicos, como o autor de *Guerra e Paz* nos mostra em sua conclusão. Essa marca acarretou na existência de uma fronteira muito fluida entre as classificações de sociólogo e de escritor. Ricardo Benzaquen aponta que a característica da oralidade e do modo como os enunciados de reflexão sobre o social são colocados, de fato, transmite aos leitores das obras freyrianas uma sensação peculiar sobre o passado que narram.

A despeito da dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de apartar o escritor do sociólogo e, também, da longevidade do debate que procura encerrar Freyre numa das duas perspectivas, Benzaquen (1994, p. 190) afirma, sobre a marca de *introspecção proustiana* mencionada e enfatizada por DaMatta: “Não creio, porém, que esse recurso à ‘introspecção proustiana’ tenha condições de esgotar os procedimentos empregados por Gilberto para validar, para assegurar a legitimidade dos seus dados”. Ou seja, as considerações sociológicas de Freyre devem ser tomadas enquanto reflexão intelectual válida, tanto para ser validada, quanto refutada, uma vez que se baseiam em trabalho de investigação com os recursos disponíveis à época do escritor. No entanto, esse recurso deve ser compreendido enquanto estilo mais provocado pela forma e que, por isso, não prejudica a legitimidade da maior parte do conteúdo do argumento. Então, para a crítica, positiva ou negativa, do pensamento de Gilberto Freyre, se faz menos importante o esforço de encerrá-lo como escritor ou cientista social, do que a reflexão cautelosa em torno do sentimento subjacente a toda a sua interpretação sobre o país. O risco da crença, embutida no argumento de Freyre sobre o Brasil, é o demasiado otimismo em torno da realidade brasileira.

Uma história

226

A *Em Ordem e Progresso* (1959), Gilberto Freyre produz uma análise sobre a transição do regime monárquico para o republicano, buscando explicar a experiência da Primeira República enquanto período de desmonte final da sociedade patriarcal, inaugurada em *Casa Grande & Senzala* (1933). Uma história política, portanto. Mais especificamente, uma história político-sociológica, uma vez que os olhos de Freyre não deixaram de lado a ordem social por um instante sequer. Toda a compreensão da ordem política se dá por meio da perspectiva da configuração social, definida, nos tempos coloniais em decorrência do patriarcado. Essa estrutura passa pelas primeiras alterações com a primeira onda modernizadora dos costumes, da moda e do gosto, processo descrito em *Sobrados e Mucambos* (1936). Neste período, a Europa Ocidental, sobretudo a França, torna-se o padrão para costumes e etiqueta, para a orientação do gosto, num processo piramidal que começa na adesão inicial das elites e, lentamente, vai descendo pela pirâmide social brasileira. No âmbito político, destacam-se os exemplos da Inglaterra e dos Estados Unidos como nações modernas e, portanto, nações a servir de modelo de inspiração para a realidade brasileira.

A narrativa freyriana centra-se na explicação da primeira experiência republicana brasileira, a partir da *noção de tempo*. O termo apresenta dois sentidos, no decorrer de suas constantes menções no ensaio. Ele representa o ritmo através do qual a mudança de cunho político é experimentada pela sociedade. O segundo sentido consiste numa semântica próxima ao do conceito weberiano de *ethos*, ou seja, tempo como mentalidade de determinada sociedade. Na argumentação do tempo brasileiro enquanto ritmo de absorção da mudança social e política, a conclusão de Gilberto Freyre é conservadora: segundo o sociólogo, a experimentação sociológica da mudança no tempo brasileiro é lenta. Para ratificar sua posição, o autor critica a virada, segundo ele radical, da Constituição de 1891, que pretendia tornar liberal uma sociedade tradicional e monarquista. Freyre afirma que a Carta que rege o regime político de um país, não constitui elemento exclusivo capaz de assegurar a mudança de regime político. Aproximando-se das análises sociológicas da política, o pernambucano defende que, junto de uma forma política, há que vir acompanhado um espírito, ou *ethos*, que assegure a vigência das formas modificadas e consolide as novas rotinas exigidas pelo novo regime.

A transição de uma monarquia centralizada na figura de um imperador dotado de um Poder tão vasto, como o Moderador, para um regime democrático liberal e federativo, exigiria grandes esforços de doutrinação nos hábitos e mentalidades brasileiros. Freyre chama atenção para as formas autoritárias, assumidas pelos governos presidenciais da Primeira República, como escolhas sociológicas ocasionadas pelo *ethos* da sociedade brasileira. O tema da lentidão nas mudanças sociais já se mostrou na sociologia de Freyre, em *Sobrados e Mucambos* (1936). Neste segundo livro de sua trilogia, o sociólogo destaca a resistência das diversas tradições brasileiras de origem rural, e advindas das diversas sociedades que compõem a nação frente ao inexorável processo de modernização.

A experiência da Modernidade é vista como um processo civilizador dos costumes que tende a modificar os hábitos e crenças, oriundos dos povos africanos e indígenas, sobretudo. A Modernidade, nesse sentido, consiste num processo social, político, econômico e mental antagônico àquele que formou a sociedade colonial brasileira. Ela simboliza a aproximação de uma sociedade peculiar aos parâmetros de etiqueta, moda, gosto e valores cada vez mais europeus. Nesse aspecto, a história política subsumida do pensamento de Gilberto Freyre possui marca, notadamente conservadora.

O processo de surgimento da ordem social, apresentado em *Casa Grande & Senzala* (1933),

teria gerado uma estrutura hierárquica autoritária da qual a sociedade ainda parecia precisar, segundo o autor. O *pater familias* consistia na figura de maior autoridade no espaço doméstico, e todos os demais membros do complexo da Casa Grande, distribuídos em hierarquia – esposa, filhos, escravos domésticos, escravos da roça –, estavam à mercê da figura do pai, no âmbito social. O olhar freyriano para os governos da Primeira República, na obra *Ordem e Progresso* (1959), aponta para a necessidade de que as instituições republicanas e democráticas se adaptem à lentidão, no ritmo das mudanças no âmbito da sociedade. A lentidão identificada pelo autor na sociedade brasileira deve-se ao caráter agrário da produção econômica, junto da característica predominantemente rural da sociedade, em termos de costumes e valores.

227

Enquanto diversos autores tratam da experiência da Primeira República sob a perspectiva da ausência – falta de cultura cívica e política para o regime democrático liberal, como no caso de Oliveira Viana, Alberto Torres e Francisco Campos –, o pensador pernambucano acredita que a Primeira República foi uma experiência de transição, sobretudo. Não à toa, a análise do período de 1889 a 1930 foi o momento histórico escolhido pelo autor para falar da desintegração final do sistema patriarcal no Brasil. Não se trata, portanto, de identificar a primeira experiência republicana como puramente incompetente nos seus objetivos, mas de identificá-la como o período histórico que anuncia uma mudança institucional que ainda não se fixara no plano da cultura. Por isso, em *Ordem e Progresso* (1959), Freyre destaca o Poder Moderador do Imperador, que lhe dava lugar privilegiado nos conflitos políticos.

O Império funcionara diante de todas essas situações novas para um sistema monárquico parlamentar de governo como um império um tanto como república; e república presidencial. Constituíra-se em simbiose liberal-patriarcal, por um lado, e por outro, em combinação autoritário-democrática. O imperador, através de seu famoso ‘poder moderador’ – brasileiro de ordem sociologicamente política, mais do que simplesmente jurídica, ainda à espera de uma análise idônea e de uma interpretação adequada –, moderara o poder dos patriarcas, alguns quase republicanos em seu modo de ser aristocratas, das casas – grandes patriarcais, e fora por eles moderado em suas tendências para excessos não só de autoritarismo monárquico como de liberalismo ou modernismo político, também quase republicano por vezes. Nunca, em terra americana, foi tão interessante, em seus aspectos paradoxais, o jogo político entre contrários: contrários aparentemente só políticos, mas na verdade sociológicos, com aqueles patriarcas divididos por dois partidos, segundo interesses intra-regionais, nem sempre profundamente divergentes no plano nacional; e o imperador a equilibrar os choques entre eles (FREYRE, 2004, p. 528-529).

O elogio de Gilberto Freyre ao Império diz respeito à possibilidade de o Imperador, através do Poder Moderador, colocar-se acima dos conflitos de interesse do restante da elite política. Politicamente falando, o conservadorismo do autor faz com que ele acredite que a melhor forma de governo para o país seria aquela na qual o poder central se sobrepusesse às disputas locais. O Poder Moderador é mostrado pelo autor como gerenciador dos conflitos políticos entre os partidos, dotado de um poder político maior para se fazer valer frente às facções e tendências políticas. Então, o termo paternalista caracteriza menos uma adjetivação negativa, como em grande parte dos autores que produzem suas interpretações do Brasil, e mais uma necessidade sociológica daquela sociedade, descrita nas duas primeiras obras da trilogia: uma sociedade lenta em adaptações às mudanças nos costumes, nos gostos, nas opiniões.

Oficialmente este [o patriarcado agrário e escravocrático] teria morrido de vez no Brasil um ano antes de iniciar-se o período republicano. Sociologicamente, não morreu: já ferido de morte pela Abolição acomodou-se à República federativa quase tão simbioticamente como outrora o patriarcado escravocrático se acomodara ao Império (FREYRE, 1959, p. 65-66).

228

Portanto, uma nação cujo espírito aponta para a organização social hierárquica, organizada em torno do espaço doméstico, centrada na figura do pai. Politicamente falando, o funcionamento de um novo regime careceria da manutenção de algumas constantes sociológicas que assegurassem terreno para as mudanças no espírito, ou *ethos*, necessárias a uma democracia liberal capitalista – a livre iniciativa, auto-organização, individualismo. É possível subentender a afirmação de uma transição conservadora: a ordem social brasileira não teria se desenvolvido conforme os valores e mentalidade necessários para que se estabelecesse, aqui, a forma política e econômica exigida pela configuração norte-americana.

Os Estados Unidos obtiveram uma atenção cada vez maior da intelectualidade brasileira, e a primeira Carta republicana e liberal intentou consagrar os valores fundamentais daquela experiência estrangeira no nascente regime político brasileiro. A descentralização da Carta de 1891 concedia aos Estados uma amplitude de ações nunca antes vista na experiência brasileira. A passagem da condição de província para ente federado implicou uma amplitude na autonomia que parece pôr em xeque a argumentação, defendida por Freyre, de que a ordem social deve estabelecer equivalência com a Constituição e com o regime político vigente.

Seria vão esperar de uma Constituição modelada na dos Estados Unidos, que operasse maciamente no Brasil, reparou Bryce; pois sendo uma nação, criação ou filha do seu passado, esse passado é que condicionaria seu comportamento. 'A nation is the child of its own past', afirmou com relação ao Brasil o constitucionalista de The American Commonwealth: constitucionalista desdobrado em sociólogo. Pelo que em parte alguma do mundo pareceu-lhe ser mais pungente do que no Brasil republicano que conheceu em 1910 a necessidade do que chamou 'constructive statemanship'. A arte de estadistas capazes de construir, de criar, de recombinar – em vez de simplesmente copiar ou seguir exemplos estrangeiros -, que vinha sendo, aliás, a arte dos melhores estadistas do Império: aqueles que haviam compreendido não ser o sistema monárquico parlamentar do Brasil simples imitação do britânico, mas distante ou vago parente – distante e pobre – desse modelo europeu (FREYRE, 2004, p. 527-528).

O teor conservador da análise político-sociológica de Gilberto Freyre é significativo. Ele justifica o autoritarismo dos primeiros mandatos republicanos no Brasil recorrendo ao traçado delineado em *Casa Grande & Senzala* (1933) para justificar uma suposta necessidade de *orientação paterna*, à qual a sociedade brasileira estaria condicionada, devido ao caráter de seu tempo, ou *ethos*. Há uma discrepância clara na argumentação sobre a ordem social e naquela acerca da ordem política: se a primeira é definida por sua plasticidade e sua capacidade de resolver o conflito derivado da questão racial devido à dinâmica, supostamente, inclusiva de nossa sociedade, a segunda, é marcada pela carência da figura do pai, aquela figura sociológica responsável pela tomada de decisões, pela organização e pela coordenação do espaço coletivo. Sem negar o preconceito de cor existente na Primeira República e a violência contra os africanos durante toda a sociedade colonial, Gilberto Freyre acreditava que a inclusão dos negros se dava através da figura do mestiço mulato. A capacidade inclusiva da sociedade brasileira possibilitaria a ascensão dos indivíduos afrodescendentes, sobretudo daqueles de cor de pele mais clara. Essa

dinâmica incentiva-o a afirmar que, no futuro, formar-se-ia, na sociedade brasileira, uma democracia étnica. A imagem da sociedade destoa, portanto, da visão freyriana sobre a política: nesse âmbito, o autor parece preocupado em justificar e legitimar o caminho autoritário dos anos vinte da Primeira República enquanto escolha política plausível naquele meio social, regido e orientado por outros valores, que não os da reivindicação individual, da livre iniciativa, da organização da sociedade civil.

229

A narrativa apaixonada e intrigante da ordem social brasileira é, sem dúvidas, muito mais rica e ousada do que a narrativa política construída na obra de 1959. Ainda que sua singularidade e plasticidade evoquem uma série de elementos suscetíveis a duras críticas, a interpretação freyriana sobre a sociedade brasileira difundiu-se no cenário intelectual de modo a provocar, ainda hoje, forte adesão ou discordância. Logo, ela revigorou-se de frescor e atualidade e, de certo modo, ela ainda sobrevive nos dias de hoje. O mesmo não se pode dizer de suas anotações políticas: tomada por algumas ideias marcadamente presentes no pensamento ensaístico dos anos 1930, a sociedade brasileira também é lida por Freyre pelo viés da chave da ausência de valores, quando comparada ao caso norte-americano. No que tange às possibilidades de uma democracia liberal fortemente constituída, Freyre também parece endossar os argumentos dos velhos conservadores brasileiros – o historiador Capistrano de Abreu, o modernista Paulo Prado e mesmo os autoritários ao estilo de Oliveira Viana – de que a sociedade brasileira precisa de formas conservadoras de governo, mostrando-se pouco atraído pelos ideais de liberdade e igualdade política inscritos na democracia liberal.

Um afeto

Até aqui, se procurou apresentar uma visão geral dos principais argumentos presentes na trilogia de Gilberto Freyre, na qual o autor narra a formação da sociedade brasileira, retornando até os tempos da Colônia, passando pelo Império e pela Primeira República. Também se buscou argumentar que a obra de Gilberto Freyre pode ser compreendida através de experiências sensoriais, em virtude da ampla recepção, do estilo da escrita e da atualização do debate em torno das ideias do autor pela intelectualidade brasileira. A respeito da formação da sociedade patriarcal, desenvolvida por Freyre para o Brasil, é possível reproduzir o que Elide Rugai Bastos (1998, p. 08) diz sobre os intelectuais espanhóis de 1898 e da geração de 1914:

Cada um, ao invocar Espanha, invoca sua região natal. Porém, a região passa a ser pensada no conjunto nacional; ao mesmo tempo descobrem e inventam Castilla: “La Castilla, nuestra Castilla, la ha hecho la literatura”, diz Azorin (Lain Entralgo, 1975: 30). Mais que a invenção do lugar, inventam um passado comum, apropriando-se de forma conjunta de certa idéia de *formação*. [...] Propõem-se, simultaneamente, a realizar um diagnóstico e a elaborar um projeto para a Nação.

No início desse texto, foram levantadas algumas causas para a grande difusão dos argumentos de Gilberto Freyre. A grande repercussão nos círculos nacionais, a publicação em diversos idiomas, a extensão de um público leitor – não apenas especializado. Esses fatores, junto da escrita nada retórica, nem acadêmica, de Freyre, certamente contribuíram decisivamente para a difusão de seus principais argumentos. O objetivo deste texto foi apresentar os conteúdos dessa profusão através de três modalidades – história, memória e afeto. No decorrer da reflexão, trouxemos à tona diversos elementos da interpretação freyriana sobre o Brasil com o intuito de reafirmar que muito dos valores empregados por Freyre sobre o Brasil permanecem presentes em parte da

intelectualidade brasileira, e mesmo no imaginário acerca do país. Sobre esse ponto, uma análise da performance do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, no fim dos Jogos em Londres, é elucidativo não apenas de parte da história narrada pelo jovem Freyre, mas também pelo afeto tão expresso na obra tardia do autor. A abertura começa com um gari negro a dançar, até o momento que um segurança vem para retirá-lo. Branco e bem vestido, revestido de autoridade, o segurança vê-se convencido a dançar um pouco com o gari. A deusa Iemanjá é interpretada por Marisa Monte, que canta ao lado de Seu Jorge. A jornalista que narra a apresentação anuncia a história do Brasil como a história da abertura multicultural e do carinho. O conceito principal da apresentação, ainda segundo a jornalista, é o abraço. Nada mais freyriano.

230

A descrição da encenação, assistida por telespectadores ao redor do mundo, corrobora o argumento da difusão de uma crença otimista que identifica, no Brasil, uma integração entre atores de posições sociais diferentes e de raças, igualmente, diversas. Não nos enganemos. O recurso simples da imagem televisiva remete à brilhante análise de José Murilo de Carvalho (2007, p. 10) acerca da batalha de símbolos e de alegorias que persistiu durante os primeiros anos da República, envolvendo as diferentes facções políticas rivais, “a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político”. Não apenas legitimador de regime político, o imaginário, reafirma também valores e cria sentimentos de identidade dentro de uma comunidade.

Foram apresentadas uma memória e uma história. A primeira serviu de ponto de partida para uma reflexão em torno do modo pelo qual o autor elabora sua argumentação. A segunda apresentou a passagem do argumento geral de gênese de uma estrutura social para a narrativa de desagregação dessa sociedade, no segundo e no terceiro livros. A modernidade europeia teria produzido transformações na forma social original, iniciada com a Colonização. A vinda da família real seria o marco para o processo ao qual Gilberto Freyre chamou de europeização em *Sobrados e Mucambos* (1936), ao passo que, em *Ordem e Progresso* (1959), a proclamação da República seria um segundo momento de desagregação da forma original da sociedade colonial, na qual a relação de dominação entre senhor e escravo havia sido abolida. No plano político, Freyre destaca o vazio deixado pelo poder Moderador, lacuna observada por outros intelectuais e, também, homens da política.¹¹ A ausência de um poder central forte, que estaria acima das rivalidades locais, é defendida por Gilberto.

O objetivo desta conclusão é apresentar a crença produzida por Gilberto Freyre, que possui valor significativo: o otimismo, ao tratar da realidade brasileira. Diferentemente de outros diagnósticos produzidos pela intelectualidade brasileira, no decorrer dos anos vinte e trinta, o diagnóstico de Gilberto Freyre é positivo: a cultura brasileira é enobrecida pela ascendência lusa que, por sua vez, determina um sentido de europeísmo muito peculiar¹² à sociedade. Em outras palavras, a interpretação de Freyre utiliza-se da chave da singularidade para destacar as qualidades da cultura brasileira, na qual existiria um tipo de Estado e sociedade fortemente marcados pela influência europeia, mas, de modo algum, exclusivamente europeu. A ênfase na distinção da cultura brasileira alia-se à crítica feita à noção de progresso superficial que, comparando o Brasil à Europa, só vê no país atraso e subdesenvolvimento.

Ao procurarmos considerar as relações da República de 89 com o que foi o progresso ou desenvolvimento cultural, quer no Brasil dos últimos anos do Império, quer no já republicano na aparência mas ainda monárquico nas sobrevivências mais íntimas – inclusive as de formas de sobrevivência –, o sentido que atribuímos ao adjetivo ‘cultural’ é o compreensivamente sociológico.

Designando, portanto, todo um conjunto de valores e de estilos, de técnicas e de hábitos; e não apenas referindo-se aos primores de ciência, de arte e de literatura.

231

E o sentido que atribuímos à palavra progresso é relativo, de desenvolvimento, e não o messiânico, de evolução sempre ou completamente para melhor. Somos dos inclinados a acreditar menos em progresso, sempre completo e para melhor, que em progressos, neutralizados às vezes por tendências em sentido contrário ao melhorista, quando ao melhorismo se aplica um critério de avaliação de valores éticos, estéticos, religiosos, intelectuais, paralelo ao de consagração ou exaltação puramente técnicos ou mecânicos. (FREYRE, 2004, p. 353-354).

Como apresentado anteriormente, os aspectos mais inovadores da produção de trinta – ou seja, na publicação de *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936) –, referentes à reflexão sobre dominação e integração entre atores sociais antagônicos, deu espaço à narrativa conservadora da experiência da Primeira República. Além disso, também defendeu, ainda que timidamente, o autoritarismo dos primeiros anos republicanos em nome de uma, suposta, lentidão da sociedade brasileira em assimilar mudanças sociais bruscas. Se, na ordem social, os problemas se resolvem quase que por uma espontaneidade, através de arranjos de equilíbrio entre atores antagônicos, (BENZAQUEN, 1994), a ordem política, por sua vez, carece de um braço forte ou uma autoridade que se faça valer:

A distância social pode separar em senhor e servo, indivíduos moradores na mesma casa, do mesmo modo que, em consequência de diferenças de tempo social, ou sócio – cultural, vivido desigualmente por dois indivíduos, podem separar-se em quase inimigos, pai e filho, marido e mulher, mesmo moradores da mesma casa ou do mesmo quarto ou do mesmo leito. De tal modo separa um grupo de outro, diferente sentido de tempo, que torna não só certas culturas regionais ou nacionais absolutamente lentas no caminhar, no trabalhar, nos gestos, nos atos, em contraste com outras, ágeis em seus gestos de trabalho e em suas realizações industriais e econômicas, que essas diferenças têm sido folcloricamente consagradas, todos nós conhecendo o contraste entre a “hora do brasileiro” e a “hora do inglês”. Contraste que se estende a toda América latina em relação com a do anglo-americano. O fato do inglês ou do anglo-americano ser, ou parecer ser, mais exato ou preciso em seu modo de contar horas, minutos e segundos que o latino em geral, corresponde a diferenças de tempo social, ou sócio-cultural, entre essas duas grandes culturas modernas, a anglo americana e a latina, das quais a primeira vive desde a Revolução Industrial, mais consciente do futuro que a latina, apegada em sua maioria, a um passado que se confunde, para muitos latinos, com o presente (FREYRE, 1967, p. 185-186).

Em *Ordem e Progresso* (1959), a noção de tempo, desenvolvida pelo autor, diz respeito ao ambiente cultural e social no qual o indivíduo está inscrito. Este serve de pano de fundo para as ações cotidianas e para a visão de mundo dos grupos sociais nos quais se divide a sociedade. Por isso, numa mesma sociedade, pai e filho, senhor e servo, podem morar sob o mesmo teto, mas possuírem uma experiência social completamente distinta. Nessa passagem, Freyre destaca a lentidão da adesão a mudanças na estrutura da sociedade brasileira, devido à sua origem latina e lusitana. No entanto, na comparação entre a *hora do inglês* e a *hora do brasileiro*, o autor frisa a diferença de ritmo de vida cotidiano nos dois espaços com o intuito de apontar para as possibilidades de avanço e progresso social do país.

Tal era o otimismo de Gilberto Freyre quanto à híbrida estrutura social brasileira, que o

autor acreditava estar se formando, no Brasil, uma democracia étnica. Este é um ponto frágil de seu pensamento. Em *Ordem e Progresso* (1959), Freyre escrevia estar se formando no Brasil uma democracia étnica, ainda que continuasse a enxergar o racismo de cor através dos questionários utilizados nesse livro (FREYRE, 1959). O autor não deixa claro, em sua obra, no que consiste essa suposta democracia que *estaria a se formar* – em vez de estar plenamente consolidada, como acusam alguns críticos ferrenhos.¹³ Será em *Novo Mundo nos Trópicos* (1971, p. 04-05) que o autor apresentará, menos obscuramente, o que significa essa democracia racial, ou étnica,¹⁴ em processo no país:

232

Estas grandes vitórias brasileiras, na humanização dos trópicos, vêm contribuindo muitíssimo para destruir a ideia europeia de serem tais perigos inseparáveis das condições de vida nas regiões tropicais. Os triunfos brasileiros nesse setor e em escala continental têm assim um largo interesse humano e não apenas nacional. [...] Enquanto os ingleses, mais do que qualquer outro povo, possuem tal capacidade na esfera política – seu sistema político é magistral combinação de valores aparentemente antagônicos – os brasileiros vêm conseguindo ainda maiores triunfos, aplicando essa capacidade à esfera cultural e social, na maior amplitude. Daí sua relativa democracia étnica: a ampla, embora não perfeita, oportunidade dada no Brasil a todos os homens independente de raça ou cor, para se afirmarem brasileiros plenos.

O sentimento de grandeza da cultura brasileira é crucial para se entender no que consistiu o Lustropicalismo¹⁵ e a obra tardia de Freyre. Nela, predomina o afeto pelo país, em detrimento da escrita sociológica e histórica que marca os ensaios da juventude. Por tratarem do passado, o autor comprometia-se de modo mais rígido com suas fontes, independente da natureza delas. Suas assertivas se pautavam, de modo razoavelmente mais claro, em algum vestígio material do passado. Em suma, havia, na produção de Freyre dos anos trinta, um repertório de práticas pautadas num paradigma de Ciência Social, ainda que este tenha sido profundamente transformado no decorrer dos anos quarenta e cinquenta por movimentos inerentes às Ciências Sociais. Benzaquen (1994) chamou atenção para a limitação dos critérios com que Freyre lidou com determinadas fontes, mas Peter Burke (1997) complementa esse aspecto ao ponderar que, a própria historiografia ainda não tinha produzido paradigmas significativamente hegemônicos, no momento da escrita de Freyre. Burke (1997) sinaliza para algumas antecipações de Gilberto Freyre que o aproximam dos ideais da Escola dos *Annales*. Esse lugar de vanguarda na historiografia será reconhecido por historiadores como Lucian Febvre, que fez o prefácio a uma das edições francesas de *Casa Grande & Senzala*.¹⁶

Findada a reflexão sobre o passado, o velho Gilberto produz, em sua obra de maturidade, proposições sobre o presente e o futuro da realidade social baseadas, predominantemente, em seus afetos e, por conseguinte, carentes de comprovação científica. A obra posterior aos anos cinquenta, como bem definiu Elide Rugai Bastos (1998), é caracterizada pelo intenso exercício de reflexão sobre a produção intelectual dos anos anteriores. A produção de maturidade enfatiza o tema da miscigenação enquanto experiência civilizatória mais integradora da cultura e da etnia dos povos que coexistem, e defende a integração crescente do negro à realidade social brasileira, apontando para uma democracia racial ou étnica que viria a existir no Brasil.¹⁷

As vitórias brasileiras não são de interesse apenas nacional, mas de valor para toda a humanidade, segundo Freyre. O equilíbrio de antagonismos que o autor identifica na experiência política britânica não é maior que aquele equilíbrio que existe na realidade social brasileira, capaz de agregar atores sociais em posições antagônicas e proporcionar soluções, de natureza espontânea, para o conflito racial. Em *Um vitoriano nos trópicos*, Pallares-Burke (2005) aponta o flerte de Freyre com os pensadores eugenistas do

começo do século XX, período no qual o autor chegou a defender o *branqueamento* da sociedade como política de Estado, a exemplo da Argentina. Ela apresenta a ida do autor aos Estados Unidos e o contato com o *deep south* americano como momento crucial para a passagem do racismo a uma atitude central de valorização e afirmação da cultura negra como elemento crucial para a constituição da cultura brasileira, em *Casa Grande & Senzala* (1933). Este ponto converge com toda a argumentação trazida aqui, porque o afeto pela cultura brasileira adquire força justamente após a virada do tema racial, e tem, inclusive, o tema da democracia racial como elemento fundamental e legitimador do otimismo quanto à realidade social brasileira.

Tal é a *relativa democracia étnica*, identificada por Freyre (1959). Se a situação dos grupos afrodescendentes impede, legitimamente, o emprego do termo democracia – e todos os valores embutidos nele –, às relações raciais no Brasil, a ideia de uma realidade social integradora, e dotada de uma capacidade de resolução dos conflitos sociais, permanece como um imaginário da nacionalidade. O otimismo quanto à ordem social brasileira constitui a crença deixada por esse pensador. Enquanto convicção, ela constitui perigo iminente aos cientistas sociais, pois permite um exercício de naturalização das soluções do conflito que é perniciosa. Na expressão de Benedict Anderson (2008),¹⁸ *comunidade imaginada*. Freyre pode ser compreendido como um dos primeiros intérpretes a formular motivações para a dignidade brasileira. E, para tal formulação, vale-se do afeto nacionalista que possuía pelo país.

(Recebido para publicação em maio de 2015)

(Reapresentado em julho de 2015)

(Aprovado para publicação em julho de 2015)

Cite este artigo

SILVA, Naiara Alves. “Uma memória, uma história e um afeto: algumas considerações sobre o pensamento de Gilberto Freyre”. *Revista Estudos Políticos*: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 208-227, dezembro 2015. Disponível em: <<http://revistaestudospoliticos.com/>>.

Notas

1. Para recepção da intelectualidade portuguesa aos trabalhos de Freyre, conferir o artigo *Leitura da correspondência de portugueses para Gilberto Freyre*, produto de pesquisa feita na Universidade Nova de Lisboa nos arquivos do autor, na Fundação Gilberto Freyre. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7134.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2015. Para a recepção caboverdiana, conferir: MELO, Alfredo Cesar. “Relendo Freyre contra Freyre: apropriações contra-hegemônicas do hibridismo no Atlântico Sul”. In: Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, 1, 2015, Lisboa. *Anais do XII CONLAB*, Lisboa: [s.n.], 2015.

2. Sobre a recepção de Darcy Ribeiro ao ensaio de Freyre, ver: COELHO, Haydée Ribeiro. “Na Escuta de Textos: Olhares sobre a Cultura e a Identidade”. *Via Atlântica*, Brasil, n. 4, p. 140-147, dez.

2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49608/53683>>. Acesso em: 19 ago. 2015. Os poemas de João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade podem ser encontrados na edição crítica de Casa Grande e Senzala: FONSECA, Edson Nery da. (Org.). *Casa Grande & Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985. 234
3. Para uma breve noção da ofensiva uspiana, ver a conferência inaugural de Fernando Henrique Cardoso para a edição de 2010 da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP): CARDOSO, Fernando Henrique. "Gilberto Freyre, perene", *Estadão Cultura*, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gilberto-freyre-perene,590481>>. Acesso em: 19 ago. 2015.
4. O alcance da obra freyriana deveu-se, sobretudo, ao sucesso de *Casa Grande & Senzala*. Sobre o livro, Mario Bandeira fez poemas, o sociólogo obteve loas do *também* escritor, amigo e admirador João Cabral de Melo Neto. "Dê um passo à frente, abra o livro Talvez poesia e trave relações com o poeta. Ficará espantado ao saber que esse poeta é sociólogo", disse Carlos Drummond de Andrade em certa crônica publicada no livro: QUINTAS, Fátima. *As melhores frases de Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005. O prefácio de Antonio Candido ao livro *Raízes do Brasil* também faz menção à relevância de *Casa Grande e Senzala*: CANDIDO, Antonio. "Prefácio". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 4.ed. Brasília: Editora UnB, 1963.
5. Dicionário do Aurélio. Definição de crença. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/crenca>>. Acesso em: 13 mar. 2015.
6. Dicionário Michaelis. Definição de crença. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/defnicao/crenca%20_936346.html>. Acesso em: 13 mar. 2015.
7. São tidos por componentes argumentativos temas com significativa relevância no quadro geral de sua interpretação, que ainda são vistos em argumentações contemporâneas enquanto traços *únicos* da formação social brasileira: a singularidade da experiência colonizadora portuguesa, quando comparada às colônias espanholas, a relação de mando e submissão entre grupos sociais antagônicos, mas que de algum modo podem vir a se integrar. A síntese definida por Ricardo Benzaquen (1994) em *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos Trinta* é esclarecedora: o equilíbrio de antagonismos sustenta a relação de dominação na cultura brasileira. Em outras palavras, a dominação e o conflito étnico entre negros e brancos teria se dado com integração, no lugar da segregação; Enquanto influência clara e expressa, destaca-se o trabalho do antropólogo Roberto Da Matta.
8. Raymundo Faoro, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Oliveira Viana, sob diferentes perspectivas, responsabilizam a *falha* da formação social por problemas do país contemporâneos a eles. Gilberto Freyre, por outro lado, não produz assertivas diretas que condenem o paternalismo, ainda que tenha condenado o preconceito contra os negros, durante e após o fim da escravidão, o autor não condena o patriarcado enquanto estrutura social.

9. Sobre a democracia étnica e a questão racial, desenvolvo um argumento que aponta para a presença de um exercício de teoria da História no pensamento tardio de Freyre. O autor explicita, em *Ordem e Progresso* (1959), o potencial do Brasil em tornar-se uma democracia étnica ou racial de modo processual e espontâneo. Tendo em mente uma comparação com os modelos de segregação étnica e social que levaram à segregação e ao conflito armado, Freyre acreditava que o caso brasileiro poderia oferecer uma solução eficaz e definitiva para o preconceito e para a integração dos negros na sociedade. As características do tempo brasileiro propiciariam uma amplitude na inclusão e integração do elemento negro na sociedade. No entanto, essa predição para o futuro brasileiro não possui elementos argumentativos consistentes, nem impede a constatação do preconceito de cor vigente na sociedade, conforme o trecho de seu discurso como deputado constituinte, em 1946, deixa ver (WEFFORT, 2006). Devido à ausência de descrição sobre como se daria o fenômeno definitivo, para o estabelecimento dessa democracia, e pela forma preditiva com a qual ela surge, no pensamento freyriano, considero-a um forte desejo do autor, uma projeção sobre a história do país, justamente pautada na sua narrativa sobre o passado colonial brasileiro.

235

10. Apresentação Londres/Brasil 2012/2016. Youtube. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=StqnKXOZpx0>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

11. CAMPOS SALES, Manuel Ferraz de. *Da Propaganda à Presidência*. Brasília: UnB, 1983. Para um olhar mais apurado sobre o acordo estabelecido em seu governo com as oligarquias estaduais, ver: LESSA, Renato. *A Invenção Republicana: Campos Sales, as bases e decadência da Primeira República Brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 1999.

12. A esse respeito conferir *Casa Grande & Senzala* (1933). Os longos capítulos destinados à compreensão da formação do Estado português moderno, num livro que pretende narrar o surgimento da sociedade colonial brasileira, não são em vão.

13. Para uma das críticas mais contundentes ao pensamento de Freyre quanto às questões raciais, ver: FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

14. O autor se vale de ambos os termos, utilizando-os como sinônimos.

15. O Lusotropicalismo, mais que uma ideologia a serviço de Salazar, consistia num projeto de ciência social do Trópico, marcada pelo destaque do caso brasileiro. Portugal desempenha papel coadjuvante no referido projeto, pois é no Brasil que se manifestariam *maiores triunfos* na esfera social e cultural.

16. FREYRE, Gilberto. *Les Mâitres et lès Esclaves: La Formation de la Société Brésilienne*. Paris: Gallimard, 1974.

17. Sobre a colonização portuguesa, ver: FREYRE, Gilberto. *O Mundo que o Português Criou*. Rio de Janeiro: José Olympio. Editora, 1940; FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: Companhia Editora

Nacional, 1971. Para o tema da democracia racial no pensamento freyriano, ver, “*Linhagens do pensamento brasileiro*”, de Francisco Weffort e “*Virá que eu vi: movimentos da vontade ou uma abordagem da democracia racial no pensamento de Freyre*”, no livro: ASCENSO, João Gabriel da Silva; VALE CASTRO, Fernando Luiz. (Org.). *Raça: trajetórias de um conceito. Histórias do discurso racial na América Latina*. 1ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014. 236

18. ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

Referências bibliográficas

BASTOS, Elide Rugai. “Os Autores Brasileiros e o Pensamento Hispânico”. Encontro Anual da ANPOCS, 22, 1998, Caxambu. Anais... Caxambu: [s.n.], 1998.

_____. “Gilberto Freyre: Um Escritor Ibérico”. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Edição Crítica de GIUCCI, Guillermo et al. 1.ed. Paris: ALLCA XX, 2002. Coleção Archivos.

_____. *As Criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre a Formação da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Global, 2006.

BENZAQUEN, Ricardo de Araújo. *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos Trinta*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BURKE, Peter. “A Era de Braudel”. In: _____. *A Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. “Gilberto Freyre e a nova história”. In: *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 9(2), p.1-12, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n2/v09n2a01.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2012.

_____. “O pai do Homem: Gilberto Freyre e a História da Infância”. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Edição Crítica de GIUCCI, Guillermo et al. 1.ed. Paris: ALLCA XX, 2002. Coleção Archivos.

BRAUDEL, Fernand. “A Longa Duração”. In: _____. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1990. p.7 – 18.

CANDIDO, Antonio. “Aquele Gilberto”. In: _____. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2004 p.90-92.

_____. “Um Crítico Fortuito (mas Válido)”. In: _____. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul. p.92-98.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “Casa Grande & Senzala e o Pensamento Social Brasileiro”. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia*

- Patriarcal. Edição Crítica de GIUCCI, Guillermo et al. 1.ed. Paris: ALLCA XX, 2002. Coleção Archivos. 237
- DAMATTA, Roberto. "In Memoriam: Originalidade de Gilberto Freyre". *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, ANPOCS, n. 24, 1987.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. vol.1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FREYRE, Gilberto. "Limites da Sociologia". In: _____. *Sociologia: Introdução ao Estudo dos seus Princípios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- _____. *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: Global, 1971.
- _____. *Les Mâitres et lês Esclaves: La Formation de la Société Brésilienne*. Paris: Gallimard, 1974.
- _____. "A Tirania do Ponto de Interrogação". In: _____. *Tempo de Aprendiz: Artigos Publicados em Jornais na Adolescência e na Primeira Mocidade do Autor. 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. v.1, p.265-267. Disponível em: <http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/7_outra_america.html>. Acesso em: 25 out. 2012.
- _____. "Como e Porque Escrevi Casa Grande & Senzala". In: _____. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Edição Crítica de GIUCCI, Guillermo et al. 1.ed. Paris: ALLCA XX, 2002. Coleção Archivos.
- _____. *Ordem e Progresso: Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime de Trabalho Livre...* São Paulo: Global, 2004. Publicado originalmente em 1959.
- _____. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global, 2006.
- _____. *O Mundo que o Português Criou*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- GAHYVA, Helga. "Tempos da Casa Grande: a recepção da obra de Gilberto Freyre nos anos trinta". Encontro Anual da ANPOCS, 34, 2010, Caxambu. *Anais...* Caxambu: [s.n.], 2010.
- GOODMAN, Nelson. "*The waythe world is*". *Problems and Projects*, Indianápolis and New York: The Bobbs-Merrill Company, 1972.
- GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique. "Casa Grande e Senzala: os Materiais da Imaginação Histórica". In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Edição Crítica de GIUCCI, Guillermo et al. 1.ed. Paris: ALLCA XX, 2002. Coleção Archivos.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PALLARES-BURKE. "O Caminho para a Casa Grande: Gilberto Freyre e suas Leituras Inglesas". In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Edição Crítica de GIUCCI, Guillermo et al. 1.ed. Paris: ALLCA XX, 2002.

Coleção Archivos.

238

_____. Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: Um Vitoriano nos Trópicos*.
São Paulo: UNESP, 2005.

WEFFORT. Francisco C. *Formação do Pensamento Político Brasileiro: Ideias
e Personagens*. São Paulo: Ática, 2006.